

Duas versões de A Ópera de três vinténs

ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA

DARIUS MILHAUD
KURL WEILL

© BRUNO SIMÃO

17 NOV · 16H30

Cinema-Teatro Joaquim d'Almeida,
Montijo

opart
ORGANISMO
DE PRODUÇÃO
ARTÍSTICA, EPE

TNSC
Teatro Nacional de São Carlos

Duas versões de A ópera de três vinténs

Apresentação pelo maestro João Paulo Santos

Darius Milhaud (1892-1974)

Le Carnaval de Londres, Op. 172

1. *Bal Overture*

2. *Polly*

3. *Peachum Mrs. Peachum*

4. *Filch – Danse de Filch Deuxième danse de Filch*

5. *Mazurka*

6. *Lucy*

7. *Masques*

8. *Mackie – Chelsea – Sur la Tamise*

9. *Gigue – Romance – Dance des gueux*

10. *Rosy – Amoureux*

11. *Jeannette pat'en l'air – Cabaret – Deuxième gigue – Valse*

12. *Arrêt du Cortège – Petite marche*

13. *La tour de Londres*

14. *Final*

Kurt Weill (1900-1950)

Kleine Dreigroschenmusik

1. *Overture*

2. *Die Moritat von Mackie Messer*

3. *Anstatt dass-Song*

4. *Die Ballade vom angenehmen Leben*

5. *Pollys Lied*

5a. *Tango-Ballade*

6. *Kanonnen-Song*

7. *Dreigroschen-Finale*

João Paulo Santos *Direção musical*

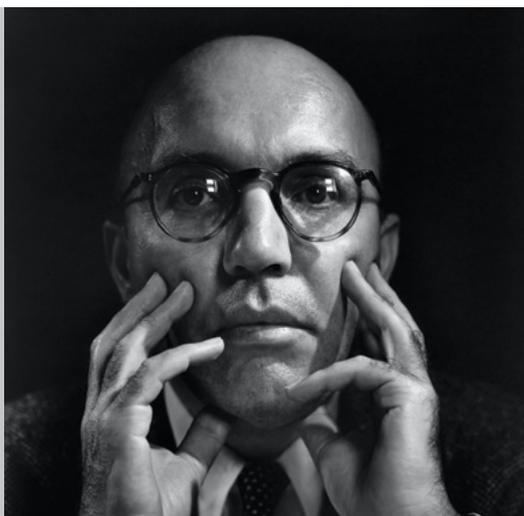
Orquestra Sinfónica Portuguesa

(**António Pirolli** *Maestro titular*)

Darius Milhaud



Karl Weill



Arte alguma existe alheada do seu contexto. Em momentos de «aceleração» da História, muitas são as vozes que, nas Artes, se erguem para nela participarem e dela serem testemunhas. O período entre as duas Guerras Mundiais foi um desses momentos.

Em França, a Grande Guerra reavivou sentimentos antigermânicos remontantes à Guerra Franco-Prussiana (1870-1871). Na Alemanha, movimentos semelhantes mobilizaram-se ante as convulsões provocadas pela humilhação da derrota, pela abdicação de Guilherme I e pela instabilidade da República de Weimar (1919-1933). Receando que a despolitização da Música a tornasse irrelevante, vários compositores de vanguarda esforçaram-se por aproximar as suas linguagens dos públicos contemporâneos, adotando estilos mais acessíveis e géneros populares como teatro, dança, cinema e rádio. Assim, reforçaram-se tendências neoclássicas e a chamada «música erudita» acerceou-se de campos como café-concerto, cabaret e jazz.

Por exemplo, o neoclassicismo francês do período entre guerras procurou inspiração no panteão do Barroco Francês. O compositor Darius Milhaud (1892-1974) foi um dos que aí reencontraram modelos de clareza, equilíbrio e, portanto, acessibilidade das estruturas musicais. Milhaud foi membro do «Grupo dos Seis», que incluiu também Arthur Honegger (1892-1955), Francis Poulenc (1899-1963), Germaine Tailleferre (1892-1983), Georges Auric (1899-1983) e Louis Durey (1888-1989). Rejeitando o purismo elitista de compositores como Vincent d'Indy (1851-1931), este grupo adotou uma atitude patriótica que, não obstante, se manteve aberta ao diálogo

internacionalista. O ecletismo estilístico da vasta obra de Milhaud, que incluiu o sagrado e o profano, o erudito e o popular, o europeu e o norte e sul-americano, a música ao vivo, a música para cinema e rádio, para adultos e crianças, é prova do seu comprometimento com um público tão alargado quanto possível. Essa diversidade deve ser lida à luz da sua predileção por tradições populares que radica, por um lado, na marca indelével deixada pela Provença, a sua região natal e, por outro, na sua abertura à variedade cultural que foi conhecendo em inúmeras viagens ao longo de toda a vida. A esse afã não terá sido alheia a sua própria herança judaica – visível em obras como *Service sacré* (1947) ou *Poèmes juifs* (1916) – que porventura terá estimulado a sua empatia pela música de outros povos excluídos, tais como as comunidades afro-americanas de Nova Orleães, precursoras do *ragtime* e do jazz – *La création du monde* (1923) – e as comunidades afro-brasileiras, no caso do samba e do maxixe – *Saudades do Brasil* (1920).

Em *Le Carnaval de Londres* (1937) observa-se a genealogia de uma equivalente sensibilidade ao «marginalizado». Esta suíte para orquestra de câmara baseia-se nos números musicais de *L'opéra du gueux* (1937), a adaptação que Milhaud fez, com o libretista Henri Fluchère (1898-1987), de *The Beggar's Opera* (1728) de John Gay (1685-1732) e Johann Christoph

Pepusch (1667-1752). A versão de Milhaud e Fluchère é apenas uma entre as inúmeras releituras da famosa *ballad opera* de Gay e Pepusch, não alheias ao formato original, particularmente eficaz na sátira às classes de poder e no retrato da corrupção, criminalidade e miséria, prevalentes em qualquer era. Para além do enredo, *The Beggar's Opera* contém uma estrutura musical assente em géneros de música popular, por si só convidativa a sucessivas atualizações a estilos vernáculos contemporâneos. A música de Milhaud para *L'opéra du gueux* recupera esse perfil e manteve-o em *Le Carnaval de Londres*, ambas as obras escritas já nos anos da vertigem para a II Guerra Mundial.

Porém, uma das mais famosas adaptações de *The Beggar's Opera* é *Die Dreigroschenoper* (1928), com texto de Bertolt Brecht (1898-1956) e música de Kurt Weill (1900-1950). Foi dessa partitura que Weill extraiu, logo em 1929, a suíte *Kleine Dreigroschenmusik* para orquestra de sopros. Em comum com a versão de Milhaud, a música de Weill rejeita os modelos mais complexos dos modernismos do início do século. Aderindo aos princípios da «Nova Objetividade» dos anos 1920, Weill socorreu-se do exemplo da música urbana, da canção de cabaret berlinense ao jazz norte-americano e às danças europeias, expressões artísticas bastante próximas do quotidiano do público coevo. *Dreigroschenoper* resultou no maior êxito teatral da República de Weimar. A dialética entre música e enredo foi crucial à potência épica de *Dreigroschenoper* e, por inerência, de *Dreigroschenmusik*: o «curto-circuito» entre uma música aparentemente anódina e um enredo em torno de mendicância, violência, crime e prostituição foi fulcral para estimular a consciencialização do espectador sobre as consequências da voracidade capitalista na sociedade alemã da década de 1920.

A crítica social é um traço destacado da produção de Kurt Weill, visível também

noutra das suas colaborações com Brecht: a ópera *Aufstieg und Fall der Stadt Mahagonny* (1930). Igualmente frutífera foi a sua relação com o dramaturgo expressionista Georg Kaiser (1878-1945), que deu origem a *Der Protagonist* (1926), um dos primeiros grandes sucessos operáticos na Alemanha do pós-I Guerra Mundial. A sua pertença a redes de sociabilidade progressistas foi, assim, determinante durante a ascensão nazi, que desencadearia a expulsão dos movimentos democráticos, a II Guerra Mundial e o Holocausto. Recorde-se que Weill era, não só judeu, mas também um artista engajado politicamente, através da adesão, em 1921, ao «Novembergruppe», uma associação de artistas expressionistas de pendor progressista. Acrescente-se que Weill viveu em Berlim entre 1918 e 1933, testemunhando *in loco* «o olho do furacão». Foram anos formativos da sua identidade pessoal e artística, desde as suas primeiras tentativas de ingresso em estudos superiores à sua emancipação artística e, depois, o exílio forçado pelo estabelecimento da ditadura hitleriana.

Filipe Gaspar
Musicólogo







© SUSANA CHICÓ

João Paulo Santos

Direção musical

Nascido em Lisboa, concluiu o curso superior de piano no Conservatório Nacional desta cidade na classe de Adriano Jordão. Trabalhou ainda com Helena Costa, Joana Silva, Constança Capdeville, Lola Aragon e Elizabeth Grummer. Como bolseiro da Fundação Gulbenkian, aperfeiçoou-se em Paris com Aldo Ciccolini (1979-84). Estreou-se na direção musical em 1990 com *The bear* (W. Walton), encenada por Luis Miguel Cintra. Dirigiu óperas para crianças, musicais, concertos e óperas nas principais salas nacionais. Estreou em Portugal, entre outras, as óperas *Renard* (Stravinski), *Hanjo* (Hosokawa), *Pollicino* (Henze), *Albert Herring* (Britten), *Neues vom Tage* (Hindemith), *Le vin herbé* (Martin) e *The English cat* (Henze) e estreias absolutas de obras de Chagas Rosa, Pinho Vargas, Eurico Carrapatoso e Clotilde Rosa. É responsável pela investigação, edição e interpretação de obras portuguesas dos séculos XIX e XX. A sua carreira atravessa os últimos 40 anos da história do Teatro Nacional de São Carlos, onde principiou como correpetidor e maestro titular do Coro, desempenhando atualmente as funções de diretor de Estudos Musicais e de coordenador da Comissão Artística do Teatro Nacional de São Carlos.



© BRUNO SIMÃO

Orquestra Sinfónica Portuguesa

Criada em 1993, a Orquestra Sinfónica Portuguesa (OSP) é um dos corpos artísticos do Teatro Nacional de São Carlos e tem vindo a desenvolver uma atividade sinfónica própria, incluindo uma programação regular de concertos e participações em festivais de música nacionais e internacionais. Colabora regularmente com a Rádio e Televisão de Portugal através da transmissão dos seus concertos e óperas pela Antena 2, designadamente a realização da tetralogia *O anel do Nibelungo*, transmitida na RTP2, e da participação em iniciativas da própria RTP, como o Prémio Pedro de Freitas Branco para Jovens Chefes de Orquestra, o Prémio Jovens Músicos-RDP e a Tribuna Internacional de Jovens Intérpretes. No âmbito das temporadas líricas e sinfónicas, a OSP tem-se apresentado sob a direção de notáveis maestros, como Rafael Frühbeck de Burgos, Alain Lombard, Nello Santi, Alberto Zedda, Harry Christophers, George Pehlivanian, Michel Plasson, Krzysztof Penderecki, Djansug Kakhidze, Milán Horvat, Jeffrey Tate e Iuri Ahronovitch, entre outros. A discografia da OSP conta com dois CD para a etiqueta Marco Polo, com as *Sinfonias n.º 1, 3, 5 e 6* de Joly Braga Santos, que gravou sob a direção do seu primeiro maestro titular, Álvaro Cassuto, e *Crossing borders* (obras de Wagner, Gershwin e Mendelssohn), sob a direção de Julia Jones, numa gravação ao vivo pela Antena 2. Em maio de 2022, foi lançado o CD editado pela Naxos com obras de Fernando Lopes-Graça, sob a direção de Bruno Borralhinho. No cargo de maestro titular, seguiram-se José Ramón Encinar (1999-2001), Zoltán Peskó (2001-2004) e Julia Jones (2008- 2011); Donato Renzetti desempenhou funções de primeiro maestro convidado entre 2005 e 2007. Joana Carneiro foi maestrina titular de 2014 a 2021. Atualmente, a direção musical está a cargo de Antonio Pirulli, seu maestro titular. A Orquestra Sinfónica Portuguesa completou 30 anos de atividade em 2023.



Com o encerramento ao público do Teatro Nacional de São Carlos para obras de Conservação e Restauro, Requalificação e Modernização no âmbito do PRR — Plano de Recuperação e Resiliência, a Orquestra Sinfónica Portuguesa e o Coro do Teatro Nacional de São Carlos sobem a outros palcos nacionais. Uma viagem musical que percorrerá o país ao longo dos próximos meses, com a ambição e o rigor de sempre, e o objetivo de divulgar a música, a ópera e o património musical português.

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DO OPART

Conceição Amaral · *Presidente*

Rui Morais · *Vogal*

Sofia Menezes · *Vogal*

COMISSÃO ARTÍSTICA DO TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

Maestro João Paulo Santos · *Coordenação*

Maestro Antonio Pirolli

Maestro Giampaolo Vessella

PARCEIROS DA VIAGEM DAS *DUAS VERSÕES DE A ÓPERA DE TRÊS VINTÉNS*



REDE
PORTUGUESA
MUNICÍPIOS
SAUDÁVEIS
Associação Nacional de CMAS



A viagem começa agora.



Venha connosco!

PORTO · PENAFIEL · TORRES NOVAS
CALDAS DA RAINHA · ALVERCA · MAFRA
SINTRA · QUELUZ · LISBOA · MONTIJO

DE SETEMBRO A DEZEMBRO